



De 17 a 19 de novembro de 2021

PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: A IMPORTÂNCIA DA CRITICIDADE NA EDUCAÇÃO COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO

Jeisy Keli Schirmann¹

Fernanda Strozack²

Clair de Fátima Candido de Ramos³

Resumo

O presente relato de experiência apresenta os estudos feitos nos encontros do Grupo de Estudo da Pedagogia Histórico-Crítica, realizados nas dependências da Biblioteca Municipal Padre Antônio Basin, Realeza - PR. Os integrantes foram os professores da rede pública municipal de ensino e uma integrante da comunidade local. A organização se deu através da coordenadora do grupo Jeisy Keli Schirmann, o local dos encontros foi liberado pela secretária municipal de educação. Nos encontros discutiu-se os textos de diversos autores que abordam a Pedagogia Histórico-Crítica. Destaca-se a importância do professor ser pesquisador dos processos que envolvem a educação, no que tange suas particularidades e as correntes teóricas que alicerçam as práticas de ensino, tendo ainda conhecimento das lutas de classes, e compreensão da importância da emancipação intelectual e do conhecimento dos fatos históricos que regem a construção de nossa sociedade, bem como a importância de agir ativamente no âmbito social que cada qual está inserido.

Palavras-chave: Pedagogia Histórico-Crítica. História da educação. Formação continuada de professores.

Eixo Temático: Eixo 13 – Pensadores e teorias da Educação

INTRODUÇÃO

Os encontros do grupo de estudo ocorreram na Biblioteca Municipal Padre Antônio Basin, Realeza – PR. Os integrantes foram os professores da rede pública municipal de

1 Professora Efetiva da rede pública municipal de Ensino. Graduada em Educação Física licenciatura pela União de ensino do sudoeste do Paraná – UNISEP. Graduada em Licenciatura plena em Pedagogia pelo Centro Universitário de Araras. Especialista em Educação pela Faculdade de Amperé – FAMPER. Especialista em Direitos Humanos pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. e-mail: jeisykelschirmann@hotmail.com

2 Professora Efetiva da rede pública municipal de Ensino. Graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. e-mail: ferstrozack@gmail.com

3 Graduada Em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. e-mail: clairramos0707@gmail.com

ensino, e uma integrante da comunidade local. A formação do grupo deu-se através da divulgação e os que expressaram interesse foram inscritos. Os encontros ocorreram no período noturno. Cada participante era orientado a realizar a leitura dos textos previamente antes do encontro, e no momento de sua realização cada integrante explanava sobre suas anotações, relacionando com sua prática escolar, ou pensando formas de unir a teoria com sua prática pedagógica.

O objetivo geral do presente relato é a análise de bibliografias que tangem as correntes teóricas da educação voltadas à Pedagogia Histórico-Crítica, e a partir de então mediar conhecimentos com os demais professores da rede pública de ensino sobre como se estruturou a educação brasileira. O presente relato tem como base a realização de estudos voltados a textos com relevância social e para a formação do professor, ocorreram momentos de reflexão e avaliação das práticas educativas cotidianas aplicadas na sala de aula, podendo assim, favorecer positivamente o processo de ensino-aprendizagem. Já a relevância social é o conhecimento que este projeto pode proporcionar aos docentes atingindo também os alunos e a sociedade em decorrência dos conteúdos apresentados.

A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E AS DEMANDAS SOCIAIS NO ÂMBITO DA ESCOLA

Dermeval Saviani, em seu terceiro ano do curso de Filosofia, em 1965, cursou uma disciplina chamada Teoria do Conhecimento, a qual inspira a Pedagogia Histórico-Crítica. E então fez análises do sujeito tentando compreendê-lo através de suas condições materiais, correlacionando-o com o âmbito que está inserido, agindo ativamente.

Inicialmente, Saviani já pontua a necessidade de ocorrer melhorias culturais das massas para que seja possível agir ativamente na sociedade, precisa-se de lógica, uma concepção que se torne hegemônica.

A pedagogia busca analisar a relação aluno professor norteando o processo de ensino aprendizagem. A pedagogia que visa a atividade educativa define a educação em duas disposições: a teoria sobre a prática, dissolvendo no limite a prática na teoria. A subordinação da teoria à prática e que no limite dissolve a teoria na prática. Na teoria sobre

a prática, o problema era como ensinar e tentava-se formular métodos. Na prática sobre a teoria, o problema era como aprender (SAVIANI, 1997).

As concepções tradicionais tinham o professor como centro e seu dever era transmitir os conhecimentos, a prática era determinada pela teoria. As correntes renovadoras colocavam o educando na centralidade, a interação entre alunos ou alunos professor era essencial para o processo de aprendizagem, surge então a escola nova.

A educação tradicional no Brasil foi implantada pelos Jesuítas, Nóbrega tinha como estratégia agir sobre as crianças, já Anchieta aprendeu a falar a língua dos nativos e usava isso para "civilizar". "Para realizar seu trabalho pedagógico Anchieta se utilizou largamente do idioma tupi tanto para se dirigir aos nativos como aos colonos que já entendiam a língua geral falada ao longo da costa brasileira." (SAVIANI, 2005, p.4). As ideias pedagógicas foram moldadas seguindo o que se encontrou na época da colonização, criando-se assim uma pedagogia brasílica, que foi desbancada com o surgimento de um plano geral de estudos elaborado pela Companhia de Jesus e unificado com a *Ratio Studiorum*, na modernidade conhecida como pedagogia tradicional.

Os jesuítas se reportavam fortemente a Santo Tomás de Aquino e a Aristóteles. Desse modo, voltaram as costas para a modernidade, buscando fazer prevalecer as ideias características da Idade Média e defendendo a hegemonia católica.

A partir de 1759, começam a ser implantadas as "reformas pombalinas da instrução pública" e a educação brasileira é influenciada pela pedagogia do humanismo racionalista, deixa de ser regida pelos jesuítas mas não deixa de ser de orientação católica.

Nessas circunstâncias, a substituição da orientação jesuítica se deu não exatamente por ideias laicas formuladas por pensadores formados fora do clima religioso, mas mediante uma nova orientação, igualmente católica, formulada por padres de outras ordens religiosas, com destaque para os oratorianos. (SAVIANI, 2005, p. 07).

A sistemática pedagógica introduzida pelas reformas pombalinas foi a das "aulas régias", isto é, disciplinas avulsas ministradas por um professor pago. Logo após isso temos também o método de ensino mútuo que consistia em colocar os alunos mais adiantados para auxiliar o professor.

Com as exigências da revolução industrial, o método intuitivo conhecido como lição de coisas visava sanar as inadequações do ensino da época. A pedagogia do método intuitivo manteve-se até a década de 1920 quando ganhou força o movimento da Escola Nova. O movimento dos renovadores se estabelece com a fundação da Associação

Brasileira de Educação (ABE), e cresce com a realização das Conferências Nacionais de Educação, a partir de 1927, e atinge plena visibilidade com o lançamento do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, em 1932.

Um dos defensores da escola nova, Anísio Teixeira, propõem a criança como centro da escola, a reconstrução dos programas escolares e a organização das matérias escolares. O movimento escolanovista defendia duas leis principais: a de prática e efeito e a de inclinação. Leis estas que defendiam que só se aprende aquilo que dá prazer, que se aprende pela experiência vivida e só se aprende aquilo que se quer aprender; e nunca se aprende uma só coisa: ao lado daquilo que se quer deliberadamente aprender, muitas outras coisas são aprendidas.

Apesar do movimento escolanovista ganhar força, boa parte das escolas normais e dos cursos de pedagogia permaneceu sob o controle da Igreja; e, mesmo nas instituições públicas, o pensamento católico, por meio de seus representantes e dos manuais por eles elaborados, se manteve presente, ocorreu então uma certa adequação da educação entre os dois pensamentos educacionais (SAVIANI, 1997).

No período da ditadura militar buscou-se uma nova orientação pedagógica que baseava-se na teoria do capital humano, a educação deixou de ser vista como ornamental, um bem de consumo, mas como algo decisivo para o desenvolvimento econômico, um bem de produção. Depois disso a educação ficou subordinada ao desenvolvimento econômico, ela qualifica na força de trabalho reforçando a produção da mais-valia, uma relação de exploração. “Em termos gerais, entendo que a tendência educacional atualmente dominante no Brasil, desde o final de década de 1960 é aquela que nós poderíamos chamar de concepção produtivista de educação.” (SAVIANI, 2005, p. 19). Mesmo com todas as reformas, a educação no Brasil continua com uma tendência produtivista, permitindo ao indivíduo a “conquista” do status de empregabilidade.

As concepções pedagógicas relatadas até agora, neste texto, baseiam-se nas teorias da educação hegemônicas de cada período, porém não se pode descartar as concepções que não se destacaram, denominadas por Saviani de contra-hegemônicas, as pedagogias críticas que iam contra a teoria do capital humano e trazem a ideia da educação como o instrumento mais poderoso de crescimento econômico, de regeneração pessoal e justiça social.

A educação se expressava em um duplo movimento: a crítica à educação burguesa, a própria concepção pedagógica, os anarquistas no Brasil estudavam autores libertários

tirando deles alguns conceitos como a educação integral, ensino racionalista; a visão crítica dessas concepções pedagógicas desencadeou o surgimento da Pedagogia Histórico Crítica, na qual a educação passa a ser entendida como mediadora da prática social. Essa abordagem deixa professor e aluno igualmente inseridos, mesmo que em posições distintas, juntos conseguem a solução de problemas oriundos do contexto social.

A função do docente voltado à produção de conhecimento, é de construção de saberes, o ser docente é por si só é um pesquisador e um construtor de conhecimento. O papel do professor no processo de produção do conhecimento de seus alunos é dominar a área de determinado conhecimento para que seus educandos também cheguem a esse domínio. Conhecimento específico que alguns teóricos chamam de saber disciplinar, o professor necessita não apenas dominar os conhecimentos específicos, mas os processos nos quais estes se produzem, e assim, “há uma produção de conhecimento no aluno” (SAVIANI, 1997, p. 129). E assim o aluno passa a aprender, mas o docente precisa ter domínios específicos ligados a disciplina, sequência organizacional didática, de forma que seus alunos consigam se apropriar de tal conhecimento.

Na atual estrutura dos cursos de licenciatura, duas modalidades configuram os grandes modelos dos conteúdos: o didático-curricular, ou seja, domínio perfeito do conteúdo que, está associado à pedagogia tradicional, e o modelo didático-pedagógico, no qual o domínio na didática predomina sobre o domínio dos conteúdos, está ligado à ideologia da Escola Nova.

A atual estrutura dos cursos de licenciatura tem tentado combinar os dois modelos, pois tais práticas são indissociáveis, exigindo do professor aptidão tanto nos conteúdos específicos quanto na didática curricular.

Outro pilar da construção do conhecimento é o saber pedagógico. no qual se define a identidade do professor-educador, conforme variam as teorias educacionais, varia também o modo de ver a produção do conhecimento do processo educativo.

No modo tradicional o professor é o transmissor do conhecimento, já do ponto de vista da pedagogia nova, o aluno é responsável pelo próprio processo de produção do conhecimento sendo o professor um mediador. Destacando a importância do saber pedagógico como conhecimento das teorias da educação, é a partir dele que o docente poderá se posicionar com melhor desempenho de suas funções (SAVIANI, 2005).

Ainda outra modalidade do saber sócio-histórico, é de que o aluno deve desempenhar papéis inovadores e ser um sujeito ativo na sociedade onde está inserido,

enquanto o professor tem o papel de compreender o andar da sociedade, reconhecendo suas mudanças e seus contextos chamados de saber-crítico.

A última modalidade de conhecimento é o saber-attitudinal, que engloba as atitudes ética e profissional do papel do professor perante suas turmas e a sociedade. Essas modalidades de conhecimento são os requisitos básicos para um bom profissional da educação desempenhar sua função visando o objetivo de produzir conhecimento com seus educandos.

Considerando importante a produção de conhecimentos novos, o mesmo só acontece sobre a base do desenvolvimento dos alunos no círculo do conhecimento já disponível. Importante considerar as formas básicas da produção do conhecimento, a experiência e o processo sistemático da construção do conhecimento, tendo em vista que o docente sempre deve considerar os conhecimentos prévios de seus alunos.

O ato de educar, ao longo e infundável desenvolver da espécie humana, sempre foi um ato de responsabilidade e compromisso na preparação e formação dos indivíduos que compõem uma sociedade. As relações sociais entre indivíduos, adultos e crianças promovem a sustentabilidade das noções básicas para a reprodução de modos e normas fundamentais para a continuidade da vida comunitária. Para Saviani (2012), a educação é essencialmente um ato político. Não há imparcialidade. Toda vez que se toma uma postura, intencional ou não, ela é política. Ela está sempre posicionada no âmbito da correlação de forças da sociedade em que se insere e, portanto, está sempre servindo às forças que lutam para perpetuar ou transformar a sociedade. Conseqüentemente, não existe neutralidade na educação.

As inúmeras funções atribuídas ao pedagogo, requererem desse profissional o compromisso de ser o sujeito que tem sob suas atribuições a responsabilidade de organizar e planejar o processo educativo da escola. Obrigações estas voltadas à formação de indivíduos conscientes, críticos e participativos onde a educação tenha como princípio emancipar os que dela fazem parte. Educar não é apenas básico, mas fundamental para um país que quer se desenvolver. A educação como processo nos remete a uma aprendizagem contínua e diária que atinge a todos, como diz Brandão (1981), da educação ou do processo educativo ninguém consegue escapar.

Por fim, acreditamos que é necessário buscar continuamente formação sobre o nosso fazer pedagógico. Dizer simplesmente que não conhece não cabe mais em nossa prática. Enquanto pedagogos, devemos realizar a articulação do trabalho pedagógico na

escola entre todos os envolvidos, sejam: o professor, o aluno, ou a família, organizando tempos e espaços que possibilitem a mudança de práticas cotidianas em ações efetivas do processo educativo. Isso, a nós compete.

O Texto *La Pedagogia Histórico-Crítica* como Teoria Pedagógica Revolucionária, escrito por Eraldo Leme Batista, relata que a Pedagogia Histórico-crítica se fundamenta na junção entre a teoria e a prática comprometida com a transformação social, apoiada na prática educativa questionadora, crítica e emancipadora. Buscando assim compreender a educação a partir dela mesma, os condicionantes objetivos que sobre ela atuam (destacam-se aqui a pedagogia tradicional, a pedagogia renovadora e a pedagogia tecnicista), e as “teorias crítico-reprodutivistas”, que caracterizam a reprodução da sociedade.

Na fala dos detentores do poder na época da Escola nova ouvia-se muito o discurso de “Renovar para a conservação”, no entanto, SAVIANI explica que a Escola Nova em seu discurso de ser uma escola democrática é falsa, pois defende uma democracia restrita, pois nem todos tem acesso a escola. Segundo Saviani (2009, apud BATISTA E LIMA, 2015, p. 04).

[...] o abandono da busca de igualdade é justificado em nome da democracia, e é nesse sentido também que se introduzem no interior da escola procedimentos ditos democráticos. E hoje nós sabemos, com certa tranquilidade, já, a quem serviu essa democracia e quem se beneficiou dela, quem vivenciou esses procedimentos democráticos no interior das escolas novas. Não foi o povo, não foram os operários, não foi o proletariado. Essas experiências ficaram restritas a pequenos grupos, e nesse sentido elas constituíram-se, em geral, em privilégios para os já privilegiados, legitimando as diferenças. Em contrapartida, os homens do povo (o povão, como se costuma dizer) continuaram a ser educados basicamente segundo o método tradicional, e, mais que isso, não só continuaram a ser educados, à revelia dos métodos novos, como também jamais reivindicaram tais procedimentos (SAVIANI, 2009, p. 44 – 45).

A questão pedagógica passou a centrar-se no “sentimento” e no aspecto psicológico, em detrimento dos conteúdos cognitivos, filosóficos e científicos. No escolanovismo existe toda uma estratégia burguesa, visando uma hegemonia no interior da educação. Saviani apresenta a Pedagogia Histórico-Crítica como contraponto ao pensamento burguês e à Escola Nova, sua expressão no campo pedagógico. Docentes e discentes são classificados de agentes sociais, com o intuito de desenvolver uma prática social, centrada não na iniciativa do professor (pedagogia tradicional) ou na atividade do aluno (pedagogia nova), mas por meio da prática social com seus diferentes níveis de compreensão da realidade. A Pedagogia Histórico-Crítica, evidência a prática social como um elemento central.

Nos fundamentos teórico-práticos da pedagogia centrada na prática social transformadora, de acordo com Batista e Lima (2015), Saviani voltou seu o olhar para a classe trabalhadora e passou a desenvolver uma teoria da educação voltada aos interesses destes, fundamentada no materialismo histórico-dialético (pressuposto de Marx e Engels), contrapondo-se à teoria liberal em educação. Assim se destacam algumas ideias sobre a Pedagogia Histórico-Crítica, a realidade é cognoscível, independente do pensamento as coisas existem.

Saviani define a Pedagogia Histórico-Crítica como revolucionária, questionando as bases, os fundamentos das pedagogias burguesas, buscando uma pedagogia que rompe com o sistema capitalista. Para entender a possibilidade de igualdade entre os homens, é necessário organizar a sociedade de uma forma que não seja pautada na exploração de uma classe sobre a outra. Utilizando o pensamento de Marx e Engels, “Não é o homem que transforma as circunstâncias, por si só, mas enquanto as transforma, transforma-se a si próprio”, essa dialética do materialismo histórico é o caminho da ação pedagógica.

Não se trata meramente da valorização dos conteúdos, ou da qualidade do ensino, mas, de um processo de transformação cujo objetivo a ser alcançado é o fim da divisão do trabalho que caracteriza o modo de produção capitalista. Movimento que ganha maior potência ao expressar-se através de uma concepção pedagógica revolucionária, fundamentada não somente no conteúdo técnico-científico, mas na prática social transformadora, cujo norte é a superação da unilateralidade dos subalternos, elevados à capacidade dirigente.(BATISTA; LIMA, 2015, p.17)

A teoria determina a prática, quanto mais concreta for a teoria, mas eficiente será a prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise histórica de momentos e teorias que marcaram o percurso educacional é de extrema importância para compreender melhor os mecanismos sociais do âmbito em que se está inserido. Nota-se que compreender os fatos que desencadearam as teorias pedagógicas que são utilizadas nos dias atuais contribui para uma releitura crítica da realidade, fazendo com que o professor possa fazer uma construção mais autônoma de seus métodos e práticas de ensino em sala de aula.

A prática pedagógica quando realizada de forma crítica, tem a possibilidade de analisar o contexto no qual se está inserido, a maneira como a sociedade se estrutura e seus modos de produção. Ao levar em consideração os pontos anteriormente apresentados, pode-se ter a possibilidade de compreender melhor a organização dos meios sociais e políticos, sendo assim, contribuir com a criticidade dos processos de ensino-aprendizagem, levando ao entendimento dos limites e possibilidades de agir na sociedade.

Um professor que conhece o percurso histórico da educação consegue agir de um modo mais ativo, pois o conhecimento liberta e nos faz ver com mais clareza o que rege a educação e as correntes teóricas, possuindo assim mais efetividade ao defender e escolher métodos de ensino e pensamentos educacionais.

Para melhor entendimento da Pedagogia Histórico-Crítica, é de suma importância a realização de oficinas, estudos e palestras sobre o assunto. É importante que esta abordagem esteja presente em momentos de formação continuada dos professores, e na realização de grupos de estudos com pessoas da sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

BATISTA, E.L.; LIMA, M.R. La Pedagogia Histórico-Crítica. **Laplage em Revista** (Sorocaba), vol.1, n.3, set.- dez. 2015, p. 67-81.

PASQUALINI, J. C.; MAZZEU, L. T. B. Em defesa da escola: uma análise histórico-crítica da educação escolar. **Educação em revista**, Marília, v. 9, n. 1, p. 77-92, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq, para o “projeto 20 anos do Histedbr”. Campinas, 25 de agosto de 2005.

_____. **O papel do pedagogo como articulador do trabalho pedagógico na sociedade do capital**. São Paulo: Campinas, 2012.

_____. A função docente e a produção do conhecimento. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 11, n. 21, p. 127-140, 1997.

_____. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas, SP. Autores Associados, 2007.